

**ALEXANDRA  
KOLLONTAI  
(1872 - 1952)**



# ALEXANDRA KOLLONTAI (1872 - 1952)

De origem nobre, casa aos 19 anos para fugir ao meio a que pertence. Mais tarde, em 1898, foi estudar para Zürich depois de deixar o marido, divórcio que descreveu com as seguinte palavras:

*"Nós separámo-nos embora estivéssemos apaixonados porque me senti presa. Eu senti-me distante [de Vladimir] por causa das perturbações revolucionárias enraizadas na Rússia."*

Foi depois de partir para Zürich, onde trava conhecimento com os comunistas russos, que se torna militante do PC(b)R.



# ALEXANDRA KOLLONTAI (1872 - 1952)



## Actividade política

A sua atividade começou quando conheceu Elena Stasova, uma reconhecida marxista de St.Petersburgo. Kollontai começou a servir de correio, transportando escritos ilegais.

Em 1917 é eleita para o Comité Central do Partido bolchevique, sendo a primeira mulher a ascender àquele órgão dirigente. Em Outubro vota a favor da tomada do poder pelos comunistas, é eleita Comissária do Povo do Bem-Estar Social, sendo a primeira mulher a integrar um governo, e *participa activamente na elaboração do Código Civil de 1918, que:*

- consagrou a protecção do Estado às mães e crianças, tornou gratuitos os cuidados nas maternidades;
- legalizou e tornou gratuito e expedito o divórcio; fez do casamento um acto civil em que as duas partes assumiam direitos e deveres iguais;
- descriminalizou a homossexualidade;
- transformou as instituições confessionais em centros de serviços sociais, pôs termo à educação religiosa para as meninas e tornou possível, em 1920, a legalização do aborto (nenhum Estado o havia feito até aí).

Durante os tempos do comunismo de guerra, as políticas de socialização do trabalho doméstico, sobretudo de alimentação colectiva em cantinas, cozinhas e lavandarias comunitárias, ganharam impulso, apesar da difícil situação económica. Eram passos importantes no sentido da destruição da família patriarcal, segundo Kollontai. No entanto, o período da NEP e da volta à comercialização dos serviços foi marcado pelo desemprego, sobretudo entre as mulheres, e pela redução dos serviços de apoio à família e à criança.

*"Operária organizada ajuda companheira a sair debaixo dos destroços do trabalho caseiro"*

# ALEXANDRA KOLLONTAI (1872 - 1952)



## Dissidente, diplomata e afastada da URSS

Encabeça a Oposição Operária (1920 – 1921), tendência de esquerda do Partido bolchevique que pugna pelo controlo do processo revolucionário, não pelo partido no poder, mas pelos operários através dos soviets e sindicatos.

1922 – Torna-se a primeira mulher embaixadora, sendo afastada de Moscovo pelo próprio Lenine, incomodado com a influência política de Kollontai na oposição ao partido, e apesar de os dois terem sido muito próximos nas décadas anteriores.

1922-1945 – Como diplomata exímia, destaca-se na defesa dos interesses económicos da União Soviética, assinando vários tratados de comércio externo e propagandeando os avanços do seu país.

1945-1952 – Regressa à União Soviética e, ostracizada, morre de ataque cardíaco, só e esquecida, no seu modesto apartamento em Moscovo. Foi enterrada no talhão reservado aos diplomatas no cemitério Novodevichy, por o regime de Staline lhe ter recusado o lugar que merecia no cemitério da Muralha do Kremlin, onde estão sepultados os grandes dirigentes e fundadores do Partido, e para onde foi por fim trasladada nos anos 1990.

---

*Tumba de A. Kollontai no cemitério Novodevichy*



# ALEXANDRA KOLLONTAI (1872 - 1952)

Figura central nos debates sobre o papel da mulher durante os primeiros 25 anos do século 20 e, nos anos 20, o destino da revolução, as suas ideias viriam a ser a ser combatidas, deformadas e caricaturadas.

Ideias sobre a libertação da mulher trabalhadora divulgadas em numerosos artigos, panfletos, brochuras e livros que, 100 anos depois, continuam a ser do mais avançado e moderno. Em particular: *As bases sociais da questão feminina*, 1904; *A família e o estado comunista*, 1918; *A mulher e a nova moral sexual*, 1918, para além de várias obras de ficção sobre a questão da mulher, publicadas em 1923.

# REVOLUÇÃO DE OUTUBRO



# ALEXANDRA KOLLONTAI (1872 - 1952)

## QUE REVOLUÇÃO?

Kollontai não se limitou a dizer que a libertação da mulher é tarefa da revolução socialista, definindo que tipo de revolução é necessária para que essa libertação seja real:

- Não basta abolir a propriedade privada e a inclusão da mulher na produção, retirando-a à esfera doméstica e à dependência económica do marido;
- É necessário também uma revolução da vida quotidiana e nos costumes, uma nova concepção do mundo e uma nova relação entre sexos.

Sem esta transformação, não se pode falar de revolução socialista por muito que o poder seja proletário, mas sim de “um adiamento” da revolução.

*“Naquele período [1905] percebi pela primeira vez que o nosso Partido se preocupava muito pouco com o destino das mulheres da classe trabalhadora e punha um interesse muito relativo na libertação feminina. Apesar disso, nos anos 1906-1908, conquistei para os meus planos um pequeno grupo de mulheres militantes do Partido”.*



# ALEXANDRA KOLLONTAI (1872 - 1952)

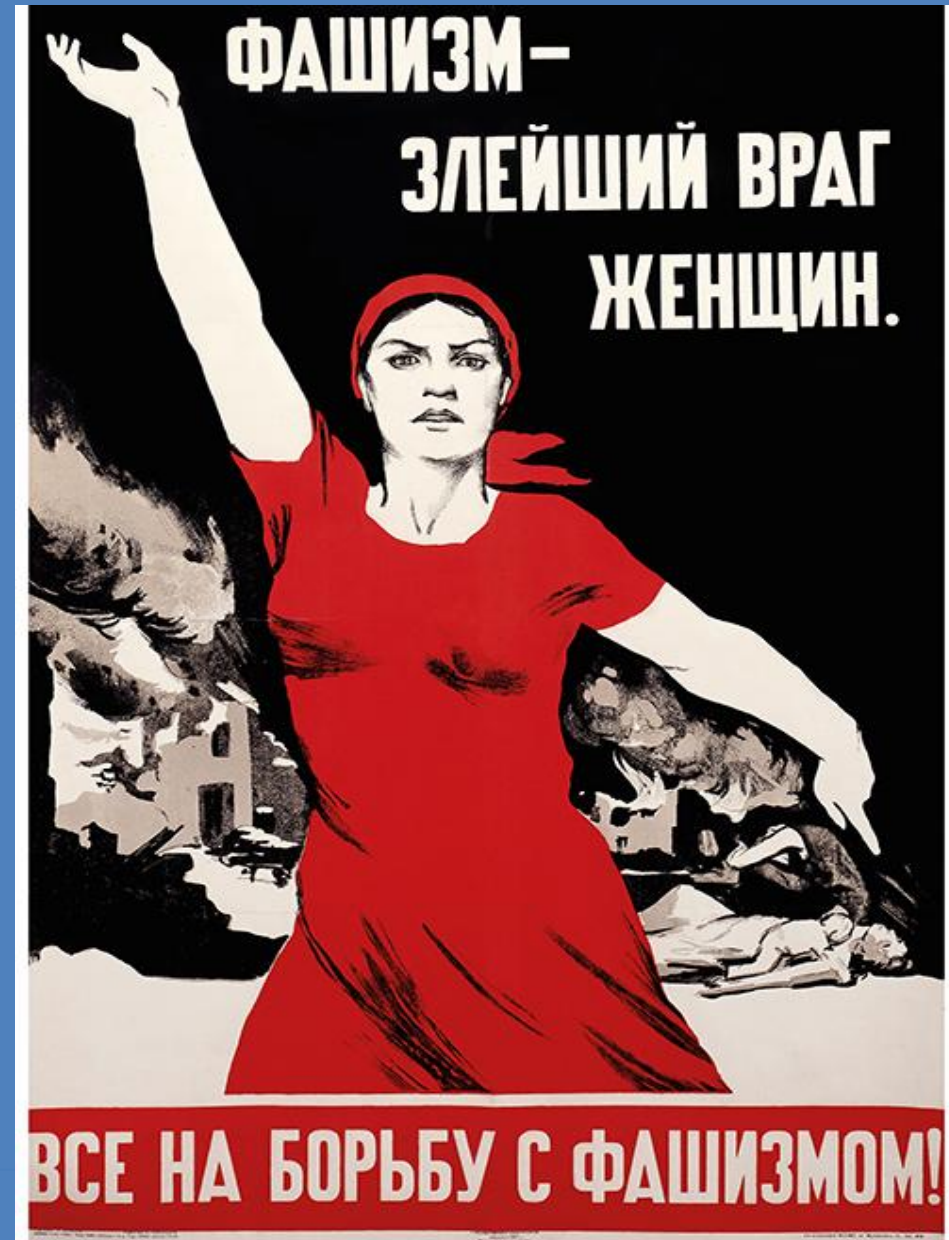
## A “MULHER NOVA”

Consciente de que a revolução socialista é apenas o ponto de partida para a libertação da mulher, Kollontai pronuncia-se contra a vontade dominadora dos homens e a alienação das mulheres que preferem um casamento qualquer à solidão e tudo apostam no amor.

Recusando os estereótipos culturais das moçoilas encantadoras e puras cujo objectivo na vida é o casamento, das esposas resignadas ou das adúlteras, das solteironas, das “sacerdotisas do amor” ou das prostitutas, contrapõe-lhes a “mulher nova”, aquela que:

*“Apresenta-se à vida com exigências próprias, heroínas que afirmam a sua personalidade, heroínas que protestam perante a servidão da mulher no Estado, no seio da família, na sociedade, heroínas que sabem lutar pelos seus direitos.”*

(A mulher e a nova moral sexual)





## A “MULHER NOVA”

A “mulher nova” é aquela que se afirma por si própria, sendo exigentes para com os homens e recusando a dependência material e afectiva, a que se revolta contra as dificuldades socioeconómicas, a hipocrisia moral e o “cativoiro amoroso”; a que é activa e autónoma, que ao casamento opõe o companheirismo e a solidariedade, ou seja o amor livre e a “monogamia sucessiva”.

*“Enquanto a prostituição não for eliminada, enquanto não forem abolidas as velhas formas da família, da vida doméstica e da educação infantil, será impossível construir o socialismo. Se a emancipação das mulheres é impensável sem o comunismo, o comunismo é impensável sem a completa emancipação das mulheres.”*



*“Mulher emancipada, constroi o socialismo!”*

## O AMOR LIVRE

Erguendo-se contra a ideia comum de que as questões do amor e da emancipação da mulher se resolverão por si só com a revolução socialista, defendeu que é necessária uma longa luta, específica, para reeducar a psicologia humana, começando portanto por trazer a primeiro plano a contradição homem – mulher dada a impossibilidade da “mulher nova” se realizar sentimentalmente num mundo em que o homem ainda não mudou. Não basta reivindicar o amor livre, o direito de amar, enquanto não existir um “homem novo” capaz de compreendê-la.

A nova moral sexual deve contribuir para a transformação da psicologia humana fomentado a solidariedade, o companheirismo a camaradagem e a igualdade entre os sexos, condições essenciais para as uniões livres.

*“Como explicar a relegação hipócrita do problema sexual para o compartimento dos ‘assuntos de família’, não necessitando de um esforço colectivo? Como se as relações entre os sexos e a elaboração de um código moral para regulamentar essas relações não aparecessem ao longo da história como um dos factores invariáveis da luta social”.*

(A mulher e a nova moral sexual)



## O AMOR LIVRE

Surgindo como instinto biológico da reprodução, o amor “espiritualizou-se” ao longo de milénios de vida social e cultural, transformando-se num complexo estado emocional, apresentando-se sob as formas de paixão, amizade, ternura maternal, inclinação amorosa, comunidade de ideias, piedade, admiração, hábito, etc. tornando difícil a uma única pessoa satisfazer a rica e diversificada capacidade de amar que pulsa em cada um de nós.

*“Uma mulher ama tal homem com toda a alma, e os pensamentos de ambos, as aspirações, as vontades estão em harmonia; mas a força das afinidades carnis atrai-a irresistivelmente para outro. Um homem experimenta por certa mulher um sentimento de ternura cheio de atenções, de compaixão associada a solicitude, ao passo que encontra noutra a compreensão e o apoio para as melhores aspirações do seu eu. A qual das duas deve consagrar a totalidade de Eros? E porque haveria de dilacerar, de mutilar a sua própria alma, se a plenitude da sua individualidade não se realiza mais com um ou outro laço?”*

(Marxismo e revolução sexual)



425. Неизвестный художник  
Стойте! Ночная панель. 1929

*“Fim à prostituição!”*

## O AMOR LIVRE

Kollontai entende o amor livre como algo mais que uma simples mudança formal dos laços que unem um par, mas como uma mudança do conteúdo da mesma, baseada no mútuo respeito da individualidade e da liberdade do outro, rejeitando a subordinação da mulher dentro do casal e da hipocrisia da dupla moral.

É a solidão moral em que vivem homens e mulheres que os *“leva a aferrar-se com enfermiza avidez a um ser do sexo oposto”* e a *“entrar à força na alma do outro”* em resultado da luta pela existência, que caracteriza a sociedade capitalista, a qual cria mentalidade e hábitos individualistas e não solidários entre os humanos.



## O CASAMENTO

O casamento assenta em dois princípios que afectam de igual forma homens e mulheres – e ideia de propriedade em relação ao cônjuge, e a de que “é para toda a vida”, “ideia contrária a toda a ciência psicológica da invariabilidade da psicologia humana no decurso da vida”.

A livre união surge-lhe como alternativa ao casamento, interrogando-se:

*“Acaso a psicologia do homem de hoje está realmente disposta a admitir o princípio do amor livre? E os ciúmes que, afectam inclusive os melhores espíritos? E esse sentimento tão profundamente enraizado, do direito de propriedade não só sobre o próprio corpo, mas também sobre a alma do companheiro? E a incapacidade de inclinar-se com simpatia perante uma manifestação da individualidade da outra pessoa, o costume de ‘dominar’ o ser amado ou de fazer-se seu escravo? E esse sentimento amargo, mortalmente amargo de abandono e de infinita solidão que se apodera de uma pessoa quando o ser amado já não nos quer e nos deixa?”*

*Abaixo a violência física e os castigos às crianças!*



# ORGANIZAÇÃO SOCIAL – A CIDADE E O TRABALHO



Para que esse companheirismo a dois se possa realizar há que separar “a cozinha da vida comum”, multiplicando cantinas, creches e dispensários onde as refeições seriam confeccionadas em cozinhas comunitárias e tomadas em restaurantes públicos. A roupa seria tratada em lavandarias centrais e haveria centros de reparação de vestuário. O que implica uma nova forma de pensar as cidades, a habitação e o urbanismo.

*Protege o teu filho e a comida das moscas*



## ORGANIZAÇÃO SOCIAL – A CIDADE E O TRABALHO



*Lenços vermelhos, lenços brancos*

“O Estado dos trabalhadores precisa de uma nova forma de relação entre os sexos. O afecto estreito e exclusivo da mãe pelo seu filho deve alargar-se e incluir todos os filhos da grande família proletária. No lugar do casamento indissolúvel, fundado na servidão da mulher, veremos nascer a união livre, forte pelo amor e pelo respeito mútuos entre dois membros de uma sociedade do trabalho, iguais nos seus direitos e nas suas obrigações. No lugar da família individual e egoísta surgirá a grande família universal operária, na qual todos os trabalhadores, homens e mulheres, serão, acima de tudo, irmão e camaradas.”

(A família e o Estado comunista).

*Contra o aborto clandestino*



*Operárias e camponesas, votai!*

